

TUDO AQUI NO

RESUMÃO

Você se considera uma pessoa criativa?

Num mundo onde tanta informação corre solta de um lado para o outro, onde tantas novidades pulam em nossas telas e poucas parecem grudar em nossos cérebros, onde tantos parecem estar fazendo mais com menos, de vez em quando a gente se pergunta “onde é que foi parar a minha criatividade?”, ou então a cabeça sentencia “não sou criativo(a)”.

No livro *Confiança Criativa*, os irmãos Tom e David Kelley se empenham para desmistificar essa ideia de que criatividade é coisa de artista ou de alguns seres iluminados.

Todos nascemos criativos. Incluindo você! Quer ver? Busque aí na sua memória, lá nas suas brincadeiras de quando era criança, quanta coisa sua imaginação já criou. Era tanta bugiganga que virava instrumento musical, cenários que nos levavam ao espaço... Lembrou das coisas que você imaginava e se esforçava para colocar em prática? Lembrou de quantas vezes você imaginou, fez, errou, fez de novo, errou mais pertinho de acertar, fez mais uma vez e tchan nam.... O que você imaginou e sua criatividade deu forma estava ali, lindão, bem na sua frente! Aí veio alguém, provavelmente algum adulto com a imaginação já destreinada, olhou para sua obra de arte, desandou a rir e lascou um “que porcaria é essa?”. Ou então, o adulto olhou para a beleza que você criou usando as matérias primas que tinha buscado no quintal de casa e, com a cara mais amarrada que sua lembrança guardou, disse “pode guardar tudo isso lá fora! Você já tem idade para parar de fazer bagunça!”.

Pois é, nascemos criativos pois esta é uma habilidade que nós humanos trazemos de fábrica. Mas, em geral, à medida que crescemos, vamos trocando nossa bagunça criativa pelo medo das críticas, pelo medo de errar, pelo medo de fracassar. Nascemos criativos, mas se convivemos com adultos (pais, tios, professores, vizinhos etc) que nos lembram que acertar é mais importante do que tentar, que valorizam mais os acertos do que o processo de aprendizagem que os fracassos nos proporcionam, então nossa autoconfiança tende a cair e vai levando a nossa criatividade à reboque. Vamos deixando a coragem e incorporando a vergonha pelo meio da estrada, deixando de dar formas às ideias diferentonas que ainda resistem em aparecer na nossa cachola.

Perdem os adultos e perdemos os ambientes onde trabalhamos, uma vez que nesses ambientes a criatividade se manifesta na forma de inovação. O livro cita levantamento conduzido pela IBM, com mais de 1.500 CEOs, que constatou que a criatividade era a competência de liderança mais importante para empresas diante da complexidade do comércio à época, em 2010. Se a criatividade já era importante antes, imagina agora, no 2021 pandêmico?

Combinação de pensamento e ação é o que define a confiança criativa: a capacidade de ter novas ideias e a coragem de testá-las.

Os irmãos Kelley se dedicam a ajudar as pessoas a redescobrir a própria capacidade de imaginar, ou expandir, ideias originais. Por ser uma habilidade natural do pensamento e do comportamento humano, basta um empurrãozinho para conseguirmos desbloquear a criatividade em nós. E, segundo eles, o maior valor da criatividade só surge com a coragem de colocar ideias em prática. E quando essa coragem é retomada, ganhamos nós, ganha o ambiente onde trabalhamos e ganha a nossa comunidade.

Os irmãos Kelley citam no livro o exemplo de Doug Dietz que, com 24 anos de trabalho na General Electric, ajudou a liderar o design e o desenvolvimento de diversos produtos, entre eles, sistemas de ressonância magnética. Após 2 anos e meio trabalhando no projeto de uma ressonância magnética, foi até um hospital ver o equipamento por ele idealizado em funcionamento. O orgulho pelo seu trabalho deu lugar à tristeza ao presenciar o pavor de uma criança que estava sendo conduzida pelos seus pais para realizar exame no equipamento. Doug não imaginava que as crianças precisassem da presença de anestesiologista para serem sedadas e, somente assim, serem beneficiadas pela sua bela invenção. Pelo olhar daquela criança, sua bela e sofisticada invenção, se parecia mais com uma barulhenta máquina devoradora de crianças.

Doug, ao invés de se conformar com o que presenciou, sentiu vontade de mudar aquela experiência e, por indicação do seu chefe na GE, se inscreveu num workshop onde aprendeu

Pessoas que possuem confiança criativa são mais capazes de influenciar o mundo ao seu redor.

O
Design Thinking é uma metodologia para inovar rotineiramente.

“novas ferramentas que despertaram sua confiança criativa e a abordagem centrada no ser humano para o design e a inovação. Ele observou e conversou com usuários de produtos e serviços que já existiam para entender melhor as necessidades deles, colaborando assim com gestores de outras empresas e setores na criação de protótipos iniciais para satisfazer essas necessidades. Munido dessas novas perspectivas, ele se pôs a realizar experimentos e iterar seus conceitos no workshop, expandindo e aprofundando as ideias que surgiam, tanto dele quanto dos outros. Essa profusão de ideias fez com que ele se sentisse mais criativo, lhe dando mais esperanças de encontrar uma solução. Percorrer o processo do design centrado no ser humano com pessoas de diversos setores e áreas, incluindo administração, recursos humanos e finanças, tocou um ponto sensível e ele começou a imaginar como essa ferramenta seria poderosa se a levasse para a empresa e montasse equipes interfuncionais para trabalharem juntos.”

Design Thinking é o processo de criatividade e inovação que busca por esse “ponto ideal entre a praticabilidade, viabilidade e desejabilidade enquanto leva em consideração as necessidades e desejos reais dos clientes”.

Após descobrir o Design Thinking e vivenciar sua abordagem e ferramentas, Doug voltou ao trabalho e se dedicou a refazer sua máquina. Partindo do princípio de solução centrada no ser humano, Doug foi desenvolver a empatia pelas crianças, foi conversar com pediatras, entrevistar voluntários e médicos.

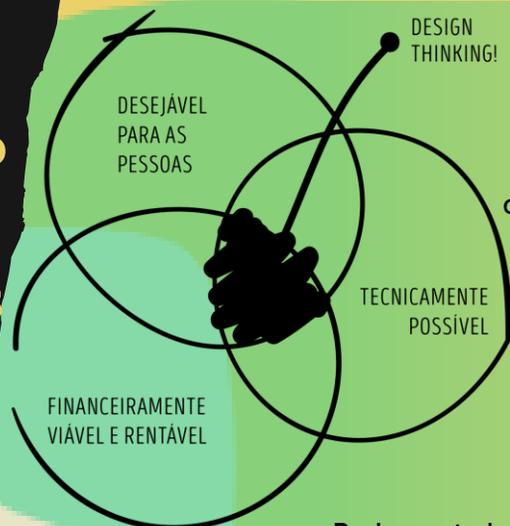
Após esse trabalho, um protótipo do Adventure Series foi implantado no hospital infantil do Centro Médico da Universidade de Pitsburg.

De máquina devoradora de crianças, sua invenção passou a ser um palco para que elas pudessem vivenciar histórias infantis de aventura! Desde o treinamento dos atendentes, para que fossem percebidos pelas crianças como parte da aventura, até adesivos coloridos e os sons que a ressonância magnética emitia, tudo foi pensado para fazer parte do roteiro da aventura. E enquanto uma sala de máquina criava o cenário para uma aventura num navio pirata, outra sala transportava o paciente para uma aventura espacial.

As máquinas continuavam com a mesma função, mas a experiência vivida pelas crianças mudou do pavor para a empolgação e encantamento. Reduzir o número de sedação e ouvir uma menininha perguntar para a sua mãe se poderia voltar no outro dia para viver nova aventura, foi o que trouxe satisfação para Doug.

Para os irmãos Kelley os programas de inovação precisam equilibrar 3 fatores para desenvolver uma solução: ela precisa ser desejável para as pessoas, ser factível sob o ponto de vista técnico e viável pela perspectiva do negócio.

Eles acreditam que as maiores oportunidades de inovação podem acontecer quando começamos por entender as reais necessidades das pessoas, suas motivações e suas crenças. Para eles, a abordagem centrada no ser humano é a essência da inovação. E quando Doug se dedicou a trilhar esse caminho, a ressonância magnética que já tinha se provado viável e tecnicamente factível, deixou o tratamento que as crianças realizavam menos sofrido e passou a ser desejável para elas, para seus pais e para a equipe médica.



Coisas que você precisa saber sobre o DT

É uma abordagem que permite resolver uma ampla variedade de desafios pessoais, sociais e empresariais utilizando novas maneiras criativas.

Se fundamenta na capacidade humana natural (e treinável) de ser intuitivo, de reconhecer padrões e desenvolver ideias emocionalmente significativas e funcionais.

Pode te ajudar a mergulhar no problema e encontrar novos insights.

Pode te ajudar a resolver um problema usando a empatia e a prototipagem.

Ajuda a cultivar culturas criativas e desenvolver os sistemas internos necessários para sustentar a inovação e lançar novas empreitadas.

A confiança criativa vem acompanhada do desejo de direcionar proativamente sua vida, ou a sua organização, em vez de ficar à deriva e ser levado de um lado a outro pelo vento.

**Para
PENSAR
E AGIR
como um
Designer**

Quando decidimos trilhar o caminho do Design Thinking, precisamos verificar como está nossa forma de pensar, nossa forma de encarar as experiências que vivenciamos no nosso dia a dia. Se nos percebemos com uma mentalidade que nos impede de dizer ou de fazer coisas por medo do que os outros vão pensar ou dizer, por medo das críticas que possam vir, por medo de errar, então precisamos, intencionalmente, gastar energia para mudar nossa forma de pensar.

Precisamos nos desapegar da voz que fica sussurrando “Esse tipo de coisa não é para mim” e começar a acreditar no crescimento como consequência dos aprendizados. Sabe aquela frase que usamos com as crianças que estão aprendendo a andar? “Caiu, levanta!”. Então, para nós, adultos que queremos recuperar a coragem de agir, vale a frase “Errei, aprendi!”. Assumir uma atitude de crescimento é o primeiro passo que precisamos dar para seguir pelos caminhos do Design Thinking.

Os irmãos citam Carol Dweck para explicar que pessoas que possuem atitude de crescimento “acreditam que o verdadeiro potencial de uma pessoa é desconhecido (e desconhecível); que é impossível prever o que pode ser realizado com anos de paixão, empenho e treinamento”. [para saber mais sobre o tema, leia a Resenha #1, sobre o livro Mindset da Carol Dweck].

Agir como um designer é exatamente o oposto do modo “deixa a vida me levar, vida leva eu...”. Agir como um designer é fazer escolhas conscientes e intencionais de fazer e deixar as coisas melhores ao nosso redor, desde a forma como organizamos os livros numa estante até a forma como escolhemos realizar nosso trabalho.

Para agir como um designer precisamos desbloquear os medos e entender que não somos limitados apenas ao que fomos capazes de fazer até aqui.

Não é um caminho fácil, pois estamos falando em lidar com medos que já são velhos conhecidos nossos. Se queremos deixar a nossa marca nos ambientes que frequentamos, se queremos ajudar a fazer do mundo um lugar melhor, se queremos sair do lugar da simples reclamação para o da ação, precisamos identificar nossos medos, reconhecê-los e buscar ferramentas para desbloqueá-los.

EMPRESAS NÃO SÃO CRIATIVAS. AS PESSOAS É QUE SÃO.

As empresas dependem da criatividade
das pessoas que nela trabalham.

Dá pagina em branco ao insight

Sabe aquela fagulha que se acende no seu cérebro, quando parece que o tico e o teco se esbarram lá dentro? Esse “clarão” é um insight, um presente que nosso cérebro nos dá para usarmos no nosso dia a dia. Nosso cérebro varre as experiências que vivemos, o repertório que carregamos para gerar esses clarões, esses insights. E é por isso que os especialistas em neurociência e em criatividade recomendam que tenhamos sempre um caderninho por perto para anotar os insights, pois esse clarão pode não surgir novamente.

Os irmãos Kelley listam algumas estratégias para nos ajudar a aumentar a frequência de clarões de insights no nosso cérebro. Assim como um músculo que precisa de treino constante para se manter forte e vigoroso, a criatividade é uma habilidade que precisa ser trabalhada repetidamente.

1. Opõe pela criatividade:
Para ser mais criativo, o primeiro passo é acolher a criatividade na sua vida

2. Veja o mundo com os olhos de turista: Assim como um turista faz em uma terra estrangeira, tente ver o mundo, por mais mundano ou conhecido que seja, com novos olhos. Não espere que uma agulha apareça em um passe de mágica. Exponha-se a novas ideias e experiências.

4. Desenvolva a empatia por seu usuário final:
Você tem ideias mais inovadoras quando conhece melhor as necessidades e o contexto das pessoas para as quais está criando soluções.

5. Observe o que acontece em campo: Se observar as pessoas com as habilidades de um antropólogo, você pode descobrir novas oportunidades que até então escondiam embaixo do seu nariz.

6. Faça perguntas começando com “por que”: Uma série de perguntas do tipo “por que?” pode se desprender dos detalhes superficiais e chegar ao cerne da questão.

3. Mantenha uma atenção descontraída: Insights muitas vezes surgem quando a sua mente está relaxada e não focada em concluir uma tarefa específica, permitindo que a mente faça novas conexões entre ideias aparentemente não relacionadas.

7. Veja os desafios de uma nova perspectiva: Às vezes, o primeiro passo na direção de uma excelente solução é reestruturar a questão. Começar de um ponto de vista diferente pode ajudá-lo a chegar à essência de um problema.

8. Desenvolva uma rede de apoio criativo: A criatividade pode fluir mais com mais facilidade e ser mais divertida quando você pode colaborar com outras pessoas e trocar ideias.

8
ESTRATÉGIAS

PRA
GRAVAR NA
CAIXOLA

A sorte favorece as pessoas que fazem muitos experimentos e prestam muita atenção quando algo inesperado ocorre.

Louis Pasteur

Quando nos desapegamos do que sabemos e nos abrimos para descobrir o que não sabemos, nossa tendência é olhar para o que está ao nosso redor com mais perguntas do que respostas.

Durante esse caminhar, ao prestarmos atenção às reais necessidades das pessoas que encontramos pelo caminho, muitos insights sobre como melhorar a vida dessas pessoas haverão de surgir.

GRUPOS CRIATIVAMENTE CONFIANTES

Como sair de uma atitude individual, de um despertar criativo individual, para um movimento coletivo?

Para que a inovação seja incorporada à rotina de trabalho é preciso cultivar uma cultura criativa. Como cuidar de uma equipe para inovar:

1. Conheça os pontos fortes uns dos outros. Imagine que a sua equipe seja um grupo de super-heróis, cada um com os próprios poderes e pontos fracos especiais (como a criptonita). Divida o trabalho para maximizar a eficácia da equipe e se beneficiar dos pontos fortes de cada um.

2. Alavanque a diversidade. A tensão dinâmica entre diferentes pontos de vista é o que faz das equipes diversificadas terreno fértil para a criatividade, mas também pode ser uma fonte de conflitos e erros de comunicação. As equipes que realmente valorizam a diversidade se mostram dispostas a encarar esses problemas e falar a respeito, em vez de tapar o sol com a peneira.

3. Entre no projeto de corpo e alma. Deixar a vida pessoal do lado de fora do escritório prejudica o pensamento criativo. Mergulhe no trabalho de corpo e alma. Inicie as reuniões da equipe perguntando a cada um “Como vai você, de verdade?” ou simplesmente propondo “Conte alguma coisa pessoal sobre você”. Cada membro da sua equipe pode trazer experiências de vida sem igual para a discussão.

O trabalho em equipe é necessário para atingir a inovação em grande escala; promover a mudança em organizações e instituições raramente é uma atividade solitária.

4. Reconheça o valor dos relacionamentos no trabalho. Quando perguntamos aos membros das equipes da d.school o que mais importará quando eles olharem para trás daqui a cinco anos, a resposta normalmente é “meu relacionamento com meus colegas de equipe” e não apenas os resultados do projeto. Não perca de vista o que mais importa.

6. Divirtam-se! Priorize a confraternização. Divertir-se juntos pode melhorar a colaboração do grupo. Encontrem-se fora do trabalho para não falar de trabalho. Saia com a equipe para uma caminhada, um jantar, para praticar um esporte ou se exercitar. Combinem um happy hour, um churras, uma bagunça boa quando a pandemia nos permitir aglomerar novamente. Essa última não é dos autores, é da equipe do Pequi, mesmo ;)

5. Modele antecipadamente a experiência da sua equipe.

Como vocês se ajudarão nos próximos dias? Por quais princípios vocês querem se orientar? O que vocês esperam realizar, tanto pessoal quanto profissionalmente, com o projeto?

Quando os líderes apoiam a criação de uma cultura de inovação no ambiente de trabalho, as pessoas encontram ambiência para desenvolver sua confiança criativa. E é nesse tipo de ambiente que a inovação se fortalece. Ganha o indivíduo. Ganha a equipe. Ganha a organização. Ganha a sociedade.

David Kelly - Como construir sua confiança criativa

Ken Robinson - Como as escolas matam a criatividade

Alike - curta metragem para curtir e refletir

**Prática +
encorajamento
=
aumento de
imaginação +
curiosidade +
coragem**

pequiRESENHA é uma iniciativa de microlearning do PequiLab voltada para a disseminação de conteúdos relacionados à inovação em governo, para fomentar uma nova forma de pensar e agir nos servidores públicos.

Edição #4 . Junho2021

ENTRE EM
contato

pequi.lab@goias.gov.br

PEQUI

ESCOLA DE GOVERNO

SEAD
Secretaria de
Estado da
Administração

GOIAS
E POR
VOCÊ
QUE A
GENTE
FAZ